

# ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$00 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 28\$000 e 12\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

O Sr. Castro Soromenho tem autorisação para tratar dos interesses d'este periodico.

## SUMMARIO

JOSÉ CARLOS DE CARVALHO . . . . .	Pardal Mallet.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . .	A.
ETERNA HISTORIA . . . . .	Georgina Teixeira.
RIO ABAIXO . . . . .	Cunha Mendes.
BORBOLETAS . . . . .	João Andréa.
PREAMBULO . . . . .	Lucio de Mendonça.
CONFRONTO . . . . .	Adelino Fontoura.
POENTE . . . . .	Virgilio Varzea.
REQUERIMENTO . . . . .	Padre Corrêa de Almeida.
DESPACHO . . . . .	A. A.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS . . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

HENRIQUE CHAVES

## JOSÉ CARLOS DE CARVALHO <sup>1</sup>

Foi num d'esses momentos do entardecer, lá muito além, no Amazonas; momentos que a religião faz santos pelo toque de Ave-Maria, e que a natureza faz bellos pela illuminura do claro-escuro; momentos que a Arte synthetizou no *Angelus*, e que o gigante dos rios poetisa na planicie intermina de suas aguas e na vegetação entusiasta de suas matas, reverberando um balão de fogo, quente e escarlate, que vae cahindo.

Foi por um d'esses momentos do entardecer. Junto á amura da *Jane*, sentados ambos, vinhamos

<sup>1</sup> Publicando este artigo, a direcção do *Album*, completamente estranha á luta dos partidos, deixa a Pardal Mallet toda a responsabilidade de suas apreciações politicas.— A. A.

de ver o roteiro da viagem que rio acima nos devia conduzir a Tabatinga. E mais demoradamente falámos, e como que nos expandimos coração para coração.

O roteiro não nos chegava. Para adiante de Tabatinga, para adiante de Iquitos, e de tudo quanto elle indicava, havia os Andes, e o Pacifico, e a viagem de circumnavegação pela America do Sul, levando-nos até Montevideo, onde não nos faltariam typographias para prolongar em pamphletos a luta pelos nossos ideaes.

Buscámos então um atlas; e ahi, depois de traçado a lapis o percurso da viagem provavel, por um d'esses contrastes naturaes da conversação volvemos dos planos futuros para a evocação do passado.

Com a sua bella voz incisiva e o seu bello talento *decauseur*, foi-me elle então contando as peripecias multiplas de suas interminaveis viagens. A carta do Brasil aberta sobre o joelho, eu acompanhava-o. Como que conhecia tudo. Não era somente a zona praeira do Atlantico que se lhe tornára familiar. Subira o Paraná até quasi as cabecéiras, subira o S. Francisco, e estava subindo o Amazonas. Embrenhara-se pelos sertões de Minas e pelos da Bahia. Percorrêra todas as campinas do Rio Grande. Parecia-me o brasileiro que mais tinha viajado.

E, nessa conversação em que, por assim dizer, me contou a sua vida inteira, eu vi desenharem-se-me diversos José Carlos de Carvalho: — o estudante, o official da armada, o engenheiro, o administrador, o jornalista, e, por fim, o politico, cada um differente do outro, mas tendo de commum sempre o mesmo traço caracteristico da actividade incansavel.

\*

Nascido nesta cidade do Rio de Janeiro a 2 de Setembro de 1847, filho do Tenente-Coronel Dr. José Carlos de Carvalho e de D. Antonia Ferraz de Carvalho, elle matriculara-se no Collegio Pedro II, tão grato em recordações para todos quantos o frequentaram. Passando-se mais tarde para a Escola de Marinha, ainda rapaz, em 1865, fez-se condco-

rar, com a medalha humanitaria de 1ª classe, pelos serviços prestados na extincção de um incendio maritimo.

Mesmo estudante, partio para a campanha do Paraguay; e, depois do combate da ilha da Redempção, em 10 de Abril de 1866, voltou para o Rio de Janeiro, afim de concluir o curso da Escola de Marinha.

Em 1867 sahio guarda-marinha e de novo partio para a guerra. Foi servir a bordo do encouraçado *Silyado*, e tomou parte em todos os movimentos da 1ª divisão da esquadra.

Na madrugada de 2 de Março de 1858 defendeu a abordagem dos encouraçados, e, como commandante da 2ª divisão de abordagem, saltou no encouraçado *Cabral*, em cujo couvez já se havia alojado o inimigo. Nesse dia foi ferido.

A 11 de Abril do mesmo anno foi promovido a 2º tenente graduado, e condecorado com a ordem do Cruzeiro.

A 7 de Setembro de 1868 forçou as baterias de Angostura como ajudante da torre de proa do *Silyado*. Nesse dia ainda foi ferido por um estilhaço de bomba. Em Novembro foi promovido a 2º tenente effectivo, e condecorado com a ordem de Christo.

Depois da passagem de Humaitá, quando se tratava de estabelecer o cerco d'essa fortificação, foi encarregado de explorar a lagoa Amborucú, onde conseguiu penetrar com uma lancha a vapor e duas chatas paraguayas tomadas pela nossa esquadra no combate de Riachuelo, as quaes foram guarnecidas com um canhão de 68 e um morteiro de 13 pollegadas. Sustentou durante cinco mezes essa posição até a entrega de Humaitá.

Depois de entrar nessa praça de guerra, deixou as chatas e foi servir como immediato do monitor *Rio Grande*, que fazia parte da divisão avançada, entrou, como navio testa, nos reconhecimentos de Villeta, Santo Antonio e Assumpção, e conduziu a força de pontoneiros, que preparou o desembarque do exercito nacional em Santo Antonio, na vespera do celebre combate de Itororó.

Ao mesmo monitor coube, em 1º de Janeiro de 1869, fazer a vanguarda da força da esquadra que occupou Assumpção. Depois d'essa occupação, o 2º tenente Carvalho passou a immediato do *Colombo*, e n'esse encouraçado seguio para o Rozario, onde se achava o quartel-general.

Terminada a guerra, e promovido a 1º tenente, retirou-se Carvalho para o Rio de Janeiro, vindo praticar nas officinas de machinas do Arsenal de Marinha, até que partio para a Europa.

Em 1873, de volta da Europa, foi nomeado director das officinas de machinas do Arsenal de Marinha do Ladarío, d'onde voltou no anno seguinte para responder a conselho de guerra por falta de respeito na correspondencia official trocada com o inspector do mesmo Arsenal.

Condemnado pelo Conselho de Guerra e absolvido pelo Conselho Supremo Militar, pediu passagem para a 2ª classe, afim de reformar-se.

Assim fechando a sua fé-de-officio e a sua carreira militar, tão brilhante como rapida, José Carlos de Carvalho dedicou-se á imprensa, fazendo parte da organização da *Gazeta de Noticias* em que Ferreira de Araujo devia sagrar-se o Gerardin brasileiro, e em que, conglobando talentos de primeira *elite*, como Ferreira de Menezes, José do Patrocínio, Capistrano de Abreu, Dermeval da Fonseca, Henrique Chaves e Paula Ney, inaugurou a moderna phase brilhante do jornalismo fluminense.

Como correspondente d'essa folha, o meu biographado teve então oportunidade de muito viajar, acompanhando o Imperador em suas excursões e d'elle se fazendo amigo, sempre com uma pilheria, sempre a desenhar caricaturas, amenisando sempre as horas fatigantes de navio ou de wagon.

Foi nessa phase de sua vida de imprensa que encontrou o primeiro ensejo de emprestar á politica toda a sua prodigiosa actividade de organisador e de revolucionario ao mesmo tempo. Estava em discussão o celebre *imposto do vintem*. E com Lopes Trovão e Patrocínio, José Carlos de Carvalho pelejou forte pela abolição da odiosa medida, sendo então preso a bordo da corveta *Guanabara*, e reformando-se em seguida.

Como jornalista, já tinha sido tambem redactor dos debates do Senado e posteriormente da Camara dos Deputados onde organisou o historico parlamentar de toda a discussão havida sobre a reforma do elemento servil, e escreveu a critica do processo para a verificação dos poderes dos seus membros.

Fazendo-se então engenheiro, encorporou-se ao escriptorio tecnico de Hugo Wilson & Son, de Londres, acompanhando os trabalhos de exploração de diversas estradas de ferro, a construcção de fabricas centraes e o estudo de melhoramento de portos.

Ainda como engenheiro, partio em 1888 para o sertão da Bahia, commissionedo pela Sociedade Geographica do Rio de Janeiro para dirigir o serviço de remoção do famoso *Bendegó*. D'esse trabalho dá minuciosa conta o relatorio que apresentou e lhe valeu não só a commenda da Ordem da Rosa, como uma infinidade de diplomas de membro titular de diversas sociedades scientificas, nacionaes e estrangeiras.

Já o seu espirito organisador tinha sido aproveitado um anno antes pelo Club de Engenharia que, em companhia dos Drs. Ewbank da Camara e Parreiras Horta o encarregára de preparar a primeira exposição dos Caminhos de Ferro no Brasil, destinada a figurar na grande exposição de Pariz para commemorar o centenario das Estradas de Ferro.

O governo agraciara-o então com o officialato da Roza, a elle que já constellava o peito com as insignias do Cruzeiro o de Christo, com as medalhas humanitaria, da campanha e do merito militar e

com as estrangeiras de Carlos III de Hespanha e de Christo de Portugal, bem como com o laço de ouro da *Nova Legião*, pelos relevantes serviços prestados ao lado de Francisco Bittencourt da Silva na organização do Lyceu de Artes e Officios.

Definitivamente chamado a prestar o seu valioso concurso á administração publica, José Carlos de Carvalho foi, logo depois da remoção do *Bendegó*, nomeado Inspector Geral da Immigração na provincia de Minas-Geraes, e mais tarde Engenheiro Fiscal dos Engenhos Centraes nas provincias do Espirito-Santo, Bahia, Sergipe e Alagoas, logar em que o 15 de Novembro o foi encontrar e do qual se demittio então.

Conhecendo-o bem de perto, o raro talento eongregador do Dr. Portella, que sempre capricha em cercar-se dos melhores auxiliares, entregou-lhe a chefia do serviço geral de immigração do Estado do Rio, de onde se passou para a direcção da Companhia das Docas.

Desde então a sua personalidade, muito em evidencia, é conhecida de todos.

Amigo intimo e antigo companheiro do Almirante Custodio de Mello, elle acompanhou-o em sua opposição ao Marechal Deodoro, e fez-se conspirador desde ao vespera da eleição deste ultimo. Com o Almirante Custodio e os Marechaes Floriano e José Simeão preparou, não só a resistencia que devia apoiar o Congresso no caso da eleição de Prudente de Moraes, como conservou e desenvolveu essa latencia de guerra que devia logicamente finalizar pelo golpe de estado de 3 de Novembro e pelo contra-golpe de 23.

Restabelecida a *Legalidade*, elle não a reconheceu, entretanto. Tinha-se dedicado a esta causa porque a pensava boa e santa, porque a suppunha causa de principio e não pescaria de posições. Por ella tinha vivido, não os *vinte dias de conspiração* que elle tão alegremente nos contou quando ao *Combate* me veio trazer o concurso desinteressado e valente de sua penna, mas *um anno de conspiração*.

E repudiou-a. Repudiou-a logo que a politica da intervenção se patenteiou, nefanda e traiçoeira, com a deposição do Dr. Portella.

Bem lhe ouve! Desterraram-n'o, arrancaram-lhe os galões de sua farda de marinheiro. E elle ficou maior, conservando a sua boa alegria communicativa de camarada e a sua inteireza de character.

\*

Foi pelo menes assim que o vi num d'esses momentos do entardecer, lá muito além, no Amazonas; momentos que a religião faz santos pelo toque de Ave-Maria, e que a natureza faz bellos pela illuminura do claro-escuro.

E é ainda assim que o vejo agora, depois d'essa convivência forçada em que as amisades se cimentaram, e em que da nossa vida commum elle vae

publicar um livro de recordações, grande e puro como o seu talento e como o seu character, grande e puro como o Amazonas.

PARDAL MALLET.

## CHRONICA FLUMINENSE

Esta foi uma semana essencialmente epistolar. O proprio chefe do Estado quiz dar rasão ao proverbio « não ha carta sem resposta », e respondeu, pelo *Diario Official*, ás que lhe dirigiram os Srs. Serzedello Corrêa e Custodio de Mello, restituindo as pastas que occuparam no ministerio, e explicando os motivos que os constrangeram a dar esse passo, o verdadeiro passo do constrangimento.

Lamento que o Governo fosse privado dos serviços dos dous illustres cidadãos que tão importante papel representavam na nossa actualidade politica, e eram — seja dito sem offender ninguem — as duas figuras mais salientes do ministerio.

Entretanto, não arrancho com os patriotas que enxergam na retirada dos dous ministros uma especie de calamidade publica: o expediente da Secretaria dos Negocios da Marinha será, como até agora, regularmente feito, e, quanto a finanças, o cambio continuará entre as... quero dizer, entre os dez e os onse, até que se amercie de nós aquella famosa Providencia, com tanto pico invocada outr'ora por um conselheiro do Imperio.

\*

Abrio-se o Parlamento, mas o Sr. vice-presidente da Republica... não se abrio. Quero dizer que a sua mensagem é n'alguns pontos reservada e noutros ommissa: uma especie de *omelette soufflée*, que mette vista, faz volume, aguça o appetite, mas não enche o estomago nem o satisfaz.

Entretanto, como eu sei perfeitamente o que devia estar, e não está, na mensagem, e presumo que todos os meus concidadãos tambem o saibam, não creio que faça grande falta o que lá falta.

\*

Sahindo a passô de carga da seara politica, peço licença para refutar a opinião do jornalista e poeta que no *Paiz* escreveu contra o concurso poetico do *Album*.

Acha-o cöllega que, em vez de dar a traduzir o bello soneto de Soulay, devia o *Album* pôr em concurso um assumpto certo e determinado, e deixar a obra á phantasia e ao talento dos poetas.

O *Album* responderá que não tem a pretensão de descobrir nem de inventar poetas. Se submetteu a concurso a traducção difficillima de um soneto es-

trangeiro, é porque vio nesse trabalho discreto e innocente uma distracção para os experimentados e um exercicio para os bisonhos.

E' verdade que uma traducção naturalmente peia a phantasia do poeta ; mas, que diabo! a mesmíssima coisa succede com um assumpto imposto pela vontade alheia. Accresce que, em taes condições, o concurso assumiria proporções assustadoras. Na nossa terra ha tanta gente que faz versos !

O collega affirma que para traduzir não é preciso talento : basta habilidade. Discordo ; em primeiro logar porque não sei que differença possa haver, nos dominios da litteratura, entre habilidade e talento ; em segundo logar porque conheço traducções geniaes, como, por exemplo, a do *Amphytrião*, de Plauto, feita por Molière.

Metta o collega a mão na consciencia, e diga se Machado de Assis, quando traduzio o *Córvo*, de Edgard Pöe, não empregou nesse trabalho algum talento.

\*

O cumulo da curiosidade ingenua :

Lê-se na *Gazeta de Noticias*, sob o titulo *Loteria de S. Paulo* :

« Pergunta-se ao thezoureiro d'esta loteria a razão porque não sae da urna, nas extracções, ha dous annos, o numero 4358 ».

O' misero jogador caipora e mofneiro, queres que o teu bilhete apanhe a sorte grande ? Deixa de comprar-o.

A.

## ETERNA HISTORIA

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Um coração feliz, que indifferente,  
Frio, não era e que, em silencio amando,  
Vivia, alácres sonhos alentando,  
Sincero e docil, dedicado e crente...

Um coração, emfim, que de repente  
Do seio as illusões sentio em bando  
Irem-se todas, profugas, voando  
Como andorinhas - dolorosamente...

E que ficou immerso em soledade,  
Entregue á pungentissima saudade  
Sem que mais tenha gosos nem prazeres:

Eis o meu coração, eis a mais triste  
Historia de quem ama, e que persiste  
Em ser a eterna historia das mulheres!...

GEORGINA TEIXEIRA.

## RIO ABAIXO

Hão de julgar certamente dolorosa a historia tragica do amor ineffavel do João Luiz, o bom sertanejo que me guiou por invias paragens, com a fidelidade de um cão e a doçura de um cordeiro.

Quando a sua mão callosa apertou a minha, num triste adeus de despedida, os seus grandes olhos velutados de negro rorejaram-se de lagrimas como se elle ant'olhasse que nunca mais, nunca mais me encontraria pelos vastos sertões e pelas varzeas relvosas de bellos carnahubaes.

Pobre Ophelia a sua noiva !

N'uma silenciosa tarde, o João Luiz dirigia-se á ermida rústica e pobre, acompanhado de alguns parentes e poucos amigos, para contrahir matrimonio com a Maria Amelia.

As torres alvas da silenciosa egrejinha avistavam-se de longe, n'ma alvura purissima, como duas azas abertas de uma garça solitaria.

Entraram o estreito cominho ; a noiva, toda de branco, virginalmente engrinaldada ; o noivo vestido de uma bella calça preta e de uma camisa muito alva, que resumbrava frescura de fonte e olores selvagens de balsa.

Perto, ouvia-se o marulhar estrepitoso do rio, engrossado então pelas chuvas torrencias.

E' de uma simplicidade admiravel a construcção de pontes sobre as aguas, nessas longinquas paragens dos sertões remotos : um grosso tronco de arvore, cujas extremidades se apoiam nas margens oppostas do rio. E por sobre essa ponte selvagem, por sobre esse tronco escorregadio, é que elles iam, como sempre, tranquillos, atravessar as turvas aguas do rio cheio...

Descançaram á margem, seguindo depois, um a um, pela passagem rustica, pisando com ligeiros cuidados a madeira resvaladiça, ha tempos exposta ás chuvas hyernaes.

Quando, porém, Maria Amelia atravessava a ponte, agua abaixo descia, arrancada pela violencia extraordinaria da enchente, uma grande moita enverdecida, coberta de flores, de brancas flores perfumosas, descendo veloz, descendo como um ninho vasio sobre as aguas marulhosas de limpido regato.

Mal a graciosa sertaneja déra um pequenino passo, lançára o olhar para as ramagens que passavam sob seus pés, e, desequilibrada, cahira repentinamente, surdamente, sendo amparada pela enverdecida moita, dentro da qual desceu rio abaixo, cercada das flores perfumosas, vestida virginalmente de noiva...

O João Luiz atirou-se á agua, nadou com esforços de desesperado, e, lasso, exhasto, convulso, desapareceu, emfim, da superficie revolta do rio encapelado...

E, agua abaixo, descia rapidamente, descia velozmente, desaparecendo ao longe, aquelle ninho fu-



JOSÉ CARLOS DE CARVALHO



gitivo, aquelle fugitivo berço, dentro do qual a noiva soltava gritos dolorosos, cercada de flores, virginalmente engrinaldada.

CUNHA MENDES.

### BORBOLETAS

Sobe ao ar, trepada, a bulha  
Das aves pelos caminhos.  
Limpida, a fonte marulha;  
Canta a espessura, tumida de ninhos.

Movendo as azas, desliza,  
Beija esta flor, esta evita,  
Pousa n'aquella, indecisa,  
A borboleta toda azul palpita.

Entra a matta. E sobe, e desce,  
N'um vôo incerto, onduoso...  
Como se uma onda pudesse  
Andar solta no espaço luminoso.

E voando, pelo ar macio,  
Sobre as rozas e as violetas,  
Encontra á margem de um rio,  
O bando azul das outras borboletas.

E voando, e turbilhonando  
De um raio de sol na aresta  
Lá ficam todas, rodando  
No socegado seio da floresta.

E quem as vê, d'essa immensa,  
Espessa matta no centro,  
Tão azues, tão lindas, pensa  
Que é um pedaço do céo que está lá dentro.

JOÃO ANDRÉA.

Graças á amabilidade de Lucio de Mendonça, podemos dar aos nossos leitores, em primeira mão, o magnifico preambulo que elle escreveu para um livro de versos de Julia Curtines, livro que está sendo impresso nas officinas da Companhia Editora Fluminense, e cuja publicação constituirá, dizem-nos, um grande acontecimento litterario.

### PREAMBULO

A esta que hoje vem, senhoril e airoza, assumir o logar que lhe pertence em nossas letras, acolhei-a como da familia, queridos poetas.

Vê, Machado de Assis, summo mestre, com que mão sobria pulsa a divina cithara.

Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, excelsa trindade parnasiana, lêde-me esta *Amphytrite*, imitada de Fénélon, esta *Tarde de inverno*, esta *Dor eterna*; admira-me esta adoravel *Paizagem*; e confessae que é já uma mara-

vilha de correcção de fórma a poesia d'esta estreitante.

Foram talhados para teu enlevo, nobre pensador Augusto de Lima, os mais varonis dos seus versos, os que lhe prorompem do altivo coração *Diante de um quadro*, que é o do supplicio de Christo.

Dir-se-ia aprendida de Luiz Delfino a envergadura aquilinea das metaphoras.

Aqui tem Osorio Duque Estrada uma pagina dan-tesca nas estrophes 3<sup>a</sup> a 7<sup>a</sup> dos *Versos de um suicida*.

Ao delicado espirito de Volentim Magalhães remetto a *Unica lembrança*, ou a *Indifferente*, ou a lindissima allegoria *O ninho*: ao fino analysta João Ribeiro, a original psychologia do soneto *A um velho*.

Diga o conceituoso Arthur Azevedo se não é primoroso o poema *A vingança de Cambyzes*.

E o brilhante Raul Pompeia, poeta e pintor em prosa, contemple estas acabadas miniaturas — *A beira mar*, *Um pedaço de céo*, *A tempestade*.

E todos vós, os mimosos e os fortes, inebriae-vos com a varia musica, ora plangente, ora colerica do poema intimo que fórma a segunda parte do livro.

\*

Agora nós, leitor anonymo, quem quer que sejas, obscuro e melhor amigo do poeta; deixa que eu vá contigo, a passo igual, percorrendo esta alameda embalsamada e harmoniosa, orlada de sombras tremulas e fallantes, sob uma cupola de alta fronde, varada a trechos por um olhar de estrella...

*Unica lembrança* é tambem, no livro todo, o unico vestigio de amor filial; esse mesmo é uma poetica saúdade, mais imaginosa que terna.

E' assim esta insigne poetisa, nem ha que levar-lh'o a mal: espirito forte, sem outra religião que a da arte, não espereis d'ella nenhum languido sentimentalismo. Uma vez apenas encontra-se o nome de Deus neste livro de mulher, e essa unica vez é numa traducção; a propria ideia d'elle, se por acaso apparece, é para a verberação de *Diante de um quadro*, ou para as lástimas desesperadas dos *Fragmentos do livro de Job*. Não verá sobre a natureza, como o torvo Leopardi, senão

il brutto  
Poter che, ascoso, a comun danno impera?

Não o diz, nem o diria, porque é uma alma forte, mas não violenta.

No entanto, quando chegarmos á segunda parte do livro, vereis de que profundo amor humano é capaz este coração sem fé religiosa.

Na *Ruina* encontra-se já o seu grande talento descriptivo, e os seus ricos dotes artisticos — propriedade de epithetos, sobriedade de traço, colorido discreto, abundante vocabulario.

O soneto *Indifferente*, bellissimo pela unidade da composição, fecha admiravelmente com estes versos

em que ha uma extraordinaria expressão de tédio e de desalento :

Deixo em descanso os fatigados remos  
E que o barco da vida boie à toa

*A' beira-mar* é uma delicada marinha sobre porcellana.

Lembra os contos em verso de Gonçalves Crespo ou de François Coppée *A vingança de Cambyses*.

E *A estatua* da Venus feroz não é bem a figura da moderna Venus, *Nana* ou *Sapho* (a de Daudet), lasciva, enleante, devoradora ?

As tres ultimas estrophes do *Diluvio* são das mais formosas do livro; resumem toda a poesia d'elle, dolorosa e artistica, paisagem amortalhada na melancolia do nevoeiro, precioso cristal enturvado de lagrimas.

No soneto *Um pedaço de céu*, como na *Beira-mar*, na *Tempestade*, na *Tarde de inverno*, na *Paizagem*, ha encantadores efeitos de luz; só aos puros artistas concede a natureza a graça de taes revelações.

Tão bem acabada é a allegoria *O ninho*, que por si só bastaria, como o *Vaso quebrado*, de Sully-Prudhomme, a sagrar uma reputação. Tão formosa, com tantas graças naturaes, bom é que algum feiteiro das letras lhe esconjure o máo fado d'estas composições de facil belleza — a vulgarisação excessiva, que tem para a musica a fórma do realejo e do assobio e para os versos o furor da transcripção nos jornaesinhos de aldeia e a recitação melliflua dos trovadores fataes!

Para competir com este primor só se encontra no livro outro soneto — o da *Paizagem*, aquarella rezendense a mais perfeita de tantas paginas artisticas. A imagem do ultimo soneto podia ser assignada por Castro Alves :

Descora a luz, descora... e do Levante  
Rolam da noite as ondas luctuosas,  
Espumando o branco das nebulosas

Com as oitavas *A uma casa* fecha melancolicamente a primeira parte do livro, que, ainda com os traços negros que a enlutam, é a mais objectiva, mais vasta e mais alegre.

Penetremos agora, com o discreto passo de quem entra numa camara mortuaria, no angustioso poema sem titulo que fórma a outra metade do volume.

Em vez da epigraphe de Rousseau, mais lhe quadrava est'outra d'aquelle a quem Musset chamou « sombrio amante da Morte », o grande lyrico de Recanati, de cuja « poesia negra » ha tanta sombra nestas paginas :

O giorni orrendi  
In cosi verde etate !

Ou ainda :

Incolume il desio, la speme estinta,  
Secche le fonti del piacer, le pene  
Maggiori sempre, e non più dato il bene.

Milagroso poder do talento ! o que tumultua e se agita nestes versos é o velho drama de cada alma que se arrasta pela terra; amor, saudade, esperança, desalento, odio, desespero; e, no entanto, que ingenua meiguice ha ainda nas caricias d'este amor ! ao ouvir-lhe a voz enamorada, tão blandiciosa e tão fresca, tem-se aquella deliciosa sensação de carinho que Théophile Gautier reproduz viva e palpitante :

Tes tempes sentiront près d'elles,  
Avec des souffles de fraîcheur,  
Une palpitation d'ailes  
Dans un tourbillon de blancheur.

E que notas originaes desfere ainda a paizão nesta alma virgem ! Não é a colera de Medéa, nem o desespero de Sapho; é mais casta e ainda, por isso, mais triste: imagine-se a dor com que gemesse Graziella abandonada, ou Virginia trahida.

O tom geral é de negra amargura, atravessada por um ou outro, raro e frouxo, raio de sol, como os sonetos dos ns. VIIe IX, ou suavizada por algum quadro de doce melancolia como os formosos alexandrinos do n. X, o puro e meigo soneto do numero seguinte, os gemidos de rôla viuva do n. XII.

Mais de quatro annos, se as datas são sinceras, dura a intima agonia, e

Passam agora os merencorios dias  
Pelos fios das lagrimas ligados

até que vem a maldição dos ultimos cantos e o desprendimento, o impeto glorioso, a assumção triumphal da derradeira estrophe, em que a nobre alma, ave harmoniosa e malferida,

Rompe os ares, e vae, de surpresa aturdida,  
Semimorta de dor, e arfante de cansaço,  
Em demanda de luz, de silencio, e de espaço...

Agora vós, irmans laureadas da poetisa, que antes d'ella penetrastes no radioso templo, vinde recebela ao peristyllo sagrado; accorrei todas, Narcisa Amalia, Adelina Vieira, Maria Vilhena, Presciliana Duarte, Zalina Rolim, Ernestina Varella, Amelia de Oliveira, trazei-lhe o beijo fraterno e espargi-lhe sobre a cabeça pensativa as rosas da boa vinda.

LUCIO DE MENDONÇA.

Minas, Março de 1892.

## CONFRONTO

Olha esta flor, escuta-lhe os queixumes...  
Retrae-se a pobresinha, meu amor !  
Menos bella que tu, sente ciumes ;  
Não tem perfume junto aos teus perfumes...  
E' menos flor que tu, mimosa flor !

ADELINO FONTOURA.

## POENTE

Dezembro, de tarde

Do alto do fresco varandim do palacio, dominando amplamente a paizagem em redor, vendo ao longe o portó, com as suas aguas serenas e azuladas, manchadas aqui e além pelos cascos dos navios, os altos e finos perfis das mastreações e pequeninas brancuras de velas, como azas, docemente roçando aquella superficie polida — contemplavamos tranquillamente e sorrindo, sobre o poente em chamma, um estranho e singular amontoamento de espessas nuvens pardacentas, que, em lentas movimentações periphericas, se franjavam de repente de ouro vivissimo, produzindo desenhos excetricos, alados, originaes e felposos como trabalhos delan, em proporções cyclicas, sobre um fundo de talagarça.

E, á maneira que o monstruoso cumulo se distendia, especado como um cabrestante em faina, por faixas de luz ao alto, semelhante aos braços espaçados de um moinho gigantesco, distinguiam-se, fugidamente, empastados e extravagantes perfis de coisas, objectos e animaes prehistoricos, predominando abundantemente, successivamente, como num apoucado recurso de artista esteril e rude, estampas de ursos descommunaes e adamastores titaneos.

E tu, então, amantissima e carinhosa amada, com os teus bellos olhos embebidos na saudosa illumination do crepusculo, admirativamente, numa vivacidade alegre, dizias attentamente ao meu lado:

— Olha! Olha! — e apontavas com o teu dedo rosado. Vês aquella nuvem lá, do outro lado, solta no céu e só?... Parece-se com uma cegonha voando.

E eu olhava-te, e olhava a nuvem, enlevado no encanto e na serenidade d'aquella hora.

— E aquella... esta de cá... meio clara... que está junto áquella outra de um cinzento intenso... assemelha-se tanto ao *Leão*, o nosso bom e velho Terra-Nova... E essa outra... alli... bem no centro, onde ha um pontosinho de luz rubra, é como uma grande aguia de olhar sangrento, aza aberta no espaço, espreitando a presa... E lá no alto... aquelle filete de algodão, como a torre de um pharol, que esmorece á distancia, perpendicular e só naquelle canto azul aberto... E ainda mais... além, dous immensos focos de arminho, como dous corações... E movem-se ao mesmo tempo, e ligam-se, e fundem-se na luz radiosa do céu.

Eu murmurei — arrebatado, tomando-lhe as mãos alvas e rosadas:

— Meu amor! São os nossos corações!

E ficamos a olhar longas horas, docemente enlaçados, num embevecimento, aquelle spectaculo admiravel, onde as nuvens, em mutações kaleidoscopicas, punham uma serie infinita de visões na luminosa e opulenta vermelhidão do occaso.

VIRGILIO VARZEA.

## REQUERIMENTO

O *Album* sempre nos traz um bom retrato  
De heroína ou de heróe de sciencia ou de arte,  
E, quando sae á luz e se reparte,  
O assignante lhe fica muito grato.

Saibam quantos me lerem que eu não trato  
De esmerilhar encarte nem descarte,  
Nem pretendo, ó leitor, aconselhar-te  
A dizer bem ou mal da effigie ou extracto.

O que reclamo, em fórma de protesto,  
E faço por mim só, sem arremedo,  
E' fundado em direito manifesto.

Publique-se tambem, e não é cedo,  
O retrato fiel, garboso e lesto,  
Do melhor dos Arthures, o Azevedo.

Padre CORRÊA DE ALMEIDA.

Barbacena, 21 de Abril de 1893.

## DESPACHO

Dos retratos compete-me a escolha;  
Todos sabem que o *Album* é meu;  
E, portanto, o retrato na folha  
Todo o mundo terá, menos eu.

«Indefiro» é o despacho. Eu á lei da  
Sensatez não me posso furtar.  
Do meu velho Corrêa de Almeida  
O retrato, este sim, devo dar.

A. A.

Capital Federal, 29 de Abril de 1893.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

— Responderia: foram-se-me os delirios de que gozei, á redea solta, em Pariz Sou moço hoje; amanha deverei ser circumspecto, pela idade e pela posição. Para honrar o homem é necessario que a mocidade se agalardõe de hombridade exemplar. De que nos valem as pulsações de um coração que para ser feliz tem de acolher em si, ao lado de um sentimento, embora sincero, a hypocrisia do affecto

conjugal? Se dos labios de mulher casada ouvisse a expressão de semelhante amor, não lhe deixaria concluir a confissão: a cada palavra lhe responderia com o talvez respeitavel nome do esposo; e persuadido estou de que, ao pronunciar-o, não haveria a coragem de conspurcal-o.

— E sabe o que diria omundo, se o estivesse escutando?— interrogou Dolores ao mesmo tempo que illuminava a phrase com a languidez morbida do olhar.

— Sei! A sociedade, na sua esphera de acção dissoluta, exclamaria com risos de cynismo: és um imbecil.

— Ah! comprehende-me!...

— Sim, comprehendo. Como, porém, reconheço que a confissão de um amor só se dá no silencio da intimidade, nem se quer me condemnaria o epitheto mundano, nem me alcançaria o desprezo da culpada.

Dolores susteve-se, como quem se compenetrava das palavras incisivas do doutor. Depois, por um esforço de intelligencia, resumio todo o assumpto da conversação. Pareceram-lhe contraditorios os pensamentos de Lucio.

— Se pensa como diz—principiou ella, pausando as palavras, de modo a ser facilmente comprehendida—como explica a nobreza de que se revestem as suas ideias ultimas, quando as primeiras, inteiramente oppostas, o pintavam como um dos libertinos mais declarados?

— Sim, tudo isso póde aparentemente ser contraditorio; todavia, racionando, chegaremos a discriminar as duas ideias oppostas, mas precisamente deduzidas de um espirito honesto. Vejamos, Dolores! Referindo-me á mulher casada, conservar-me-ia — assim o declarei — indifferente a todo o amor que me offerecesse. Neste caso, embora me dessem apodo de imbecil, me elevaria ante a minha consciencia. Redimia-me de um passado revolucionado. Se me approximasse de Carmen, se lhe fallasse em amor, não poderia ser feliz, a menos que desprezasse a pureza do seu sentimento e me desse inteiramente a um goso egoista e, por tal modo, criminoso. Não, Dolores! Tenho a alma nuuto incinerada como a atmospha social da grande Pariz. Os olhares de Carmen não poderiam, talvez, illuminal-a.

Esta passageira defeza não tinha a força de uma logica *encouraçada*. Dolores, porém, não conhecia a habilidade de sophismar. E, quando isso se desse, não lançaria mão d'esses meios estultos. O que a dominava então, era um pezar profundo.

Comsigo dizia que Lucio ignorava o seu amor. Ella não o havia declarado, nem demonstrado, sequer indirectamente.

Conjecturou. Defendeu-se ante sua propria consciencia. Subitamente, porém, a imaginação, como que recuando até a noite do sarão, accusou-a. Não havia ella mesma declarado a Lucio que conhecia uma mulher que o amaria com todo o entusiasmo?...

E, quando o moço lhe fallou em Carmen, não deu a filha por criança, incapaz de comprehender o que vale um sentimento forte?...

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## THEATROS

Os hespanhóes do Polytheama deram-nos o *Rei que damnou*, a zarzuela que vimos em portuguez, no Variedades, traduzida por Soares de Souza Junior. A musica de Chapi nos pareceu outra... para melhor, mas o desempenho dos papeis deixou muito que desejar.

\*

No Sant'Anna voltou á scena a *Gran via*.

Estreou-se nesse theatro a senhorita Cifuentes, a estrella do Polytheama, representando o *Chateau Margaux*.

\*

Representou-se hontem no Apollo, em beneficio do popular e sympathico actor Machado, a famosa parodia do *Trovador*, o *Capadocio*, que ha muitos annos dormia o somno do esquecimento.

\*

Para hoje, sabbado, está annunciada, no S. Pedro, a primeira representação do *Pescador de baleias*, drama de Dennery.

\*

Consta que para o Apollo foi contratado o actor Lyra, que é muito popular em todo o Norte da Republica, principalmente em Pernambuco.

— Contratei-o, disse Eduardo Garrido, o empresario, porque não deve haver Apollo sem lyra.

X. Y. Z.

A casa Fouchon & Comp. vae editar a *Mortalha de Alzira*, romance de Victor Leal, que agradou immenso quando publicado na *Gazeta de Noticias*, e as *Festas e tradições populares do Brasil*, de Mello Moraes Filho. Este livro trará um prefacio de Sylvio Romero, e será illustrado por Fulmen Junior, desenhador que foi do *Bazar volante* e da *Semana illustrada*. A *Mortalha de Alzira* trará uma capa de Rodolpho Amoedo.

Os srs. Magalhães & C., editores, acabam de publicar um livro de Affonso Celso, intitulado *Minha filha*, o qual naturalmente ha de alcançar o mesmo exito dos *Vultos e factos*. No seu proximo numero o *Album* se occupará do novo livro.